

Canto de Poeta

Silêncio
sombras
sedução
sonhos
incendeiam meu corpo
onde se agitam
tumultuosas águas
nostálgicos cantares de
mágoas
prisioneiras na penumbra
do passado
marcadas na
pulsção do meu sangue
desde o
dia primeiro

ardem-me na
boca
as palavras sagradas
que farão de
meu canto
alegre cantar de
poeta
no mesmo
compasso
do rumor da
flor do milho
abrindo-se à chuva

meus lábios soletram
inocentes líricas de
virtuosos trovadores
líricas perdidas sobre as

nossas montanhas
abrigo das cicatrizes de
dores
de medos
de raivas
desde o dia
primeiro

com passos de linho
sem prantos nem
mágoas
apenas minha
voz em beirais de
algodão
como se beijasse meus
próprios beijos
como se beijasse minha
própria boca
dirá poemas de
sombras
na mesma cadência
silenciosa
do riacho que corre
dentro de mim

meus sonhos com bonecas
de vidro
sorrisos de seda
versos
despidos da loucura
dos poetas do
inferno
da peste
e da
fome
guardados numa caixa de
música
soltam-se
e livres vagueiam pela

noite
anunciando dias de
março
cantares de
abril
vastos mares gelados
num amanhecer azul e
púrpura antártico

meu canto de poeta
desce até a polpa da
poesia

onde a palavra
transforma em seiva os
afetos

seduzindo poetas e
poetisas
amantes de
sombras
de silêncio
de sedução
de alma
coração de
orvalho

meu doce cantar
será a semente
que se abre
sedutora
e se oferece em
lírios azúis
onde os poetas exaustos
guardarão
seus queixumes
seus cansaços
seus silêncios de
fogo

meu canto de
poeta
será luar dentro
das veias
dos poetas
e das poetisas amantes de
sombras

meu canto de
folhas verdes macias
iluminando as águas
brilhando
semeando sedução
silêncio e
poesia

eis-me agora
deitada no
meu
leito de nuvens
quieta
sonhando-me no
aconchego
de um poema de
silêncios
que me transporta
ao reino da
fábula
da fantasia e
do sonho
antes de ser
luar
antes de
ser
manhã

Maio de 2013

Uma Rapariga Singular

Era uma voz sussurrando
melodia de amor antiga que eu ouvia no
poema.

(Já essa voz me seguira
por caminho
andado

em comboio, no passeio, pelas escadas, no elevador).

Uma melodia antiga que suave se aninhou no poema e
de pronto se perdeu a palavra
achada.

Era uma voz murmurando melodia de amor antiga
e eu ouvia
cantar.

Cantar sobre peixes azúis, hipocampos rubis e sobre uma
rapariga singular
que se esvaía em dor de
amor.

Uma rapariga singular
resplandecente como o sol
riso de prata
triste olhar agora que escuta em silêncio
o pranto da lua
por seu sonho perdido.

E eu
ouvindo ainda
aquela melodia antiga no meu poema inacabado
onde então surgiu a palavra perdida
rubor...
rubor de pássaros amando-se
ao som da melodia antiga.

NOTA BIOGRÁFICA

Carlota de Barros Fermino Areal Aves nasceu na ilha do Fogo, cidade de Filipe, em Cabo Verde Licenciada em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, trabalhou no Ministério de Educação (Gabinete de Estudos e Métodos) e lecionou em várias Escolas Secundárias e Preparatórias de Lisboa. Visita anualmente Cabo Verde. A sua vocação para a escrita evolui a partir de 1988, com a publicação de poemas na coletânea de poesia *Da Incerteza*, editada pela Minerva Editora, e em revistas literárias. Publica o seu primeiro livro de poesia no ano 2000, *A Ternura da Água*, seguindo-se *A Minha Alma Corre em Silêncio*, em 2003. Em 2007, o Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, edita *Sonho Sonhado* e, em 2010 vem a lume a versão trilingue desta obra, em Cabo-Verdiano, Português e Inglês. Em 2011, colabora na coletânea de poesia *Cabo Verde: Antologia de Poesia Contemporânea*, coordenada pelo escritor brasileiro Ricardo Riso. Em 2014, colabora na *Revista Cultural Licungo do Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora* (C.E.M.D.), coordenada pelo escritor moçambicano Delmar Maria Gonçalves. É colaboradora assídua da revista *Artiletra* de Cabo Verde e da revista *Pré-Textos*, dirigida pelo escritor cabo-verdiano Daniel Spínola. É membro da Academia de Letras de Cabo Verde.